

# EPISTEMOLOGIA FREUDIANA E ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: POSSIBILIDADES DA INTERDISCIPLINARIDADE

FREUDIAN EPISTEMOLOGY AND ORGANIZATIONAL STUDIES: POSSIBILITIES OF INTERDISCIPLINARITY

**Ludmila de Vasconcelos Machado Guimarães**

Doutoranda em Administração pela UFMG.

**Antônio Del Maestro Filho**

Doutor em Educação pela UFMG. Docente do Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração da UFMG.

Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
Belo Horizonte – MG – Brasil

**Endereços:**

Rua Alberto Bressane 375 apt. 201  
São Lucas - Belo Horizonte - MG  
CEP: 30240470

Rua Paulo Brandão, 123 apt. 102  
Santa Efigênia - Belo Horizonte - MG  
CEP: 30240420

**E-mails:**

vmguimaraes@hotmail.com  
profmaestro@gmail.com

## RESUMO

Este trabalho se propõe a estimular a reflexão sobre as possibilidades da utilização da inter e da transdisciplinaridade, como uma tentativa de agregar ao corpo teórico das Ciências Sociais Aplicadas uma forma mais aprofundada de se aproximar da realidade. A utilização do arcabouço teórico psicanalítico buscará trazer a epistemologia e os conceitos da psicanálise sob a ótica da compreensão do ser humano, como um ser de desejos e pulsões. Esse olhar encontra espaço neste trabalho e vai além, pois consideramos que a riqueza de um trabalho acadêmico está justamente nos espaços pouco trabalhados ou, talvez, convenientemente esquecidos pelas Ciências Sociais Aplicadas. Cientes do desafio e da provocação que este trabalho evoca, resgatamos uma discussão considerada pertinente: o possível lugar da epistemologia freudiana nas pesquisas em estudos organizacionais. Para tanto, procurou-se desenvolver uma análise sobre esta epistemologia, bem como acerca do caráter da pesquisa em psicanálise com o intuito de demonstrar como pode ser articulada em nosso campo de estudo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Interdisciplinaridade. Estudos Organizacionais. Psicanálise.

## ABSTRACT

This paper aims to stimulate a reflection on the possibilities of using inter-and transdisciplinarity, as an attempt to add to the body of theoretical of Applied Social Sciences in a way to have a better approach

of the reality. The use of theoretical psychoanalytic epistemology and seek to bring the concepts of psychoanalysis from the perspective of understanding the human being, as a being with desires and impulses. This study finds space on this work and goes beyond, because we believe that the richness of academic work is precisely the spaces less worked, or perhaps conveniently forgotten by the Applied Social Sciences. Aware of the challenge that this work evokes, we rescued a discussion considered relevant: the possible place of Freudian epistemology at research in organizational studies. Therefore, we sought to develop an analysis of this epistemology, as well as about the nature of research in psychoanalysis in order to demonstrate how it can be articulated in our field of study.

**KEYWORDS:** Interdisciplinarity. Organizational Studies. Psychoanalysis.

## PREÂMBULO

A proposta de trabalharmos com a psicanálise como forma de desenvolver novas abordagens para os Estudos Organizacionais e vice-versa partiu do incômodo olhar sobre o viés funcionalista em que a complexidade dos aspectos da interioridade humana conceituada por Lapierre (2007) é praticamente ignorada. É no sentido oposto ao da visão funcionalista que pretendemos trabalhar, ou seja, este ensaio não tem como proposta tratar a psicanálise como uma ferramenta gerencial e muito menos busca incentivar a construção de fórmulas psicanalíticas, a fim de instrumentalizar a subjetividade do indivíduo para que melhore sua produtividade no trabalho. Este ensaio tem como ponto central um convite à reflexão da inter e da transdisciplinaridade a partir da contribuição do referencial psicanalítico para o complexo entendimento das relações dos indivíduos e das suas respectivas subjetividades na vida organizacional.

Conforme se desenvolve a análise da complexidade do comportamento humano, demanda-se, cada vez mais de novas exigências metodológicas, acarretando, assim, de acordo com Chanlat (2007), uma *economia da explicação*. O autor reforça que só é possível a existência desta economia devido aos diferentes níveis de análise e à interdisciplinaridade de abordagens, ou seja, somente o conjunto interdisciplinar de abordagens seria capaz de nos aproximar de uma imagem menos fragmentada do sujeito e de suas relações no e com o mundo. Apenas cruzando e multiplicando os diferentes níveis de análise é que seria possível uma aproximação de uma interpretação da realidade observada.

Por outro lado, o que se pode observar é a divisão do conhecimento em disciplinas e territórios científicos isolados, ignorando uma abordagem interdisciplinar simultânea, o que reforça, muitas vezes, concepções monocausais (CHANLAT, 2007). A transdisciplinaridade vem sendo apresentada como uma alternativa a essa excessiva especialização e fragmentação e pois, conforme afirma Domingues (2005, p.10), a transdisciplinaridade "é uma tentativa de reestabelecer as conexões em domínios onde, hoje, elas estavam ausentes, não foram vislumbradas ou não puderam ainda ser encontradas."

A utilização do arcabouço teórico psicanalítico buscará trazer a epistemologia e os conceitos da psicanálise sob a ótica da compreensão do ser humano, como um ser de desejos e pulsões. Esse olhar encontra espaço neste trabalho e vai além, pois consideramos que a contribuição da pesquisa está justamente nos espaços pouco trabalhados ou, talvez, convenientemente esquecidos pelas Ciências Sociais Aplicadas. Chanlat (2007) já criticava essa negligência, apontando duas causas principais: A primeira razão é a posição central ocupada pela economia, pelo quantitativo e pelas organizações e a conseqüente ignorância de tudo o que não seria redutível à formalização. E a segunda razão é a consideração de que os pensamentos críticos podem sempre ameaçar a ordem organizacional estabelecida, já que "o mundo organizacional tem com frequência preferido as visões que lhe são menos incômodas" (CHANLAT, 2007 p.12).

Por fim, este ensaio é um fragmento de um trabalho que se pretende mais amplo e que anseia desbravar, assim como Max Pagès (1975), Eugéne Enriquez (1974; 1983; 1970) Jean François Chanlat (1997, 2006), Fernando Prestes Mota (1987; 1991; 2000; 2001), Maria Ester de Freitas (1999, 2001, 2007), Vincent de Gaulejac (2007), Laurent Lapierre (1995, 2007) Cristiane Godoi (2007), Anderson Sant'Anna (2011), Ana Paula Paes de Paula (2012) e muitos outros autores, o

potencial da interdisciplinaridade das Ciências Sociais Aplicadas para se compreender o objeto de pesquisa. A interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, conforme Freitas (2007), são o caminho para reduzir o *narcisismo teórico e acadêmico*, fundamental quando se almeja um olhar mais amplo do homem, caracterizado por suas contradições, incertezas e complexidade irreduzível. O diálogo entre a psicanálise e as Ciências Sociais é possível, conforme evidencia Enriquez (1997), pois possuem o mesmo objeto de estudo, que é a criação e a evolução do vínculo social. No entanto, ênfases diferentes são dadas a esses campos do saber, já que, como foi apontado anteriormente, as Ciências Sociais se interessam mais pelos resultados objetivos dessas interações e a psicanálise pelos processos inconscientes.

Considerando os limites da psicanálise, da mesma forma de que deve se considerar os limites de qualquer outro conhecimento, ela vem somar e permite reconhecer as organizações como espaços que se inter cruzam o jogo das pulsões, a cena do imaginário, as identidades e as identificações, o inconsciente (FREITAS, 2007). Isto será tratado no último ponto deste trabalho, quando retomaremos a construção realizada ao longo do ensaio para abordar a relação possível entre Psicanálise e Estudos Organizacionais.

## EPISTEMOLOGIA FREUDIANA E PESQUISA EM PSICANÁLISE

O caráter singular da epistemologia freudiana advém do estatuto concedido ao erro em sua teoria do conhecimento (ROUANET, 1985; CELES & BUCHER, 1984; MENDES, 2002), ou seja, a dúvida que paira sobre a fala, o comportamento manifesto que está além da consciência é o que marca com excepcionalidade a base das pesquisas que utilizam os referenciais psicanalíticos.

Rouanet (1985) reforça que, enquanto o erro em Freud é co-substancial e inerente ao próprio funcionamento cognitivo do espírito, todas as outras teorias do conhecimento consideram o erro como uma interferência exterior que distorce o aparelho cognitivo intrinsecamente competente para conhecer a verdade. Habermas (1982) corrobora este entendimento da psicanálise dizendo que o trabalho crítico da psicanálise não elimina deficiências acidentais, pelo contrário, as omissões e as alterações que ela suprime possuem um peso valorativo, pois se deve considerar que os conjuntos simbólicos estão adulterados por *influências internas* (grifo do autor).

Para compreender melhor o *status* do erro na psicanálise, Rouanet (1985) retoma pressupostos importantes da metapsicologia vistos no Projeto de Psicologia de Freud (2006) e os investiga a partir de três registros – percepção, pensamento e imaginário. A partir dessas referências, tenta esclarecer como o processo cognitivo se pauta tanto pelo erro quanto pela verdade. Considera a verdade e o erro como partes de uma estratégia cognitiva, formulada por uma instância que decide quando o conhecimento é lícito, e quando a supressão do conhecimento é necessária.

A epistemologia freudiana oferece muitos caminhos, pois a psicanálise pode ser considerada, ao mesmo tempo, como uma teoria sobre o psiquismo, um método de investigação do inconsciente e uma técnica terapêutica. Contudo, mesmo tendo a situação analítica como lugar privilegiado de investigação, a psicanálise não se restringe à mesma (VIOLANTE, 2000). Os artigos clínicos, como *O Caso Schreber* (1911-1913); *o Pequeno Hans* (1909); *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910); *O Moisés de Michelangelo* (1914) e as obras *Totem e Tabu* (1913), *O futuro de uma ilusão* (1927), *Mal Estar na Civilização* (1930-1936) e *Moisés e Monoteísmo* (1939), entre outras, revelam trabalhos de Freud que vão muito além da clínica convencional ou do *setting* analítico. O estudo de Freud sobre *Schreber* teve como base apenas o conteúdo do livro *Memórias* escrito pelo próprio *Schreber* entre 1900 e 1902. No caso do *Pequeno Hans*, Freud tem contato com a criança apenas uma vez, no entanto, o tratamento foi realizado pelo pai de Hans. Em *Leonardo da Vinci* e *Moisés de Michelangelo*, Freud faz uma análise sobre os trabalhos dos artistas, relacionando-os respectivamente com a vida do autor da obra. Em *Totem e Tabu*, *O futuro de uma ilusão*, *Mal estar na civilização* e *Moisés e Monoteísmo*, Freud faz uma análise do laço social e da dinâmica sujeito x sociedade. Como pode se ver, cada um desses trabalhos demandou determinada adequação ao método que conhecemos bem como estudo de caso, entrevistas, observação e outros. O que deve ser realmente levado em conta é que existem elementos psíquicos que são universais, outros que são particulares (tipos de organizações, sintomas e defesas) e outros que são ainda mais restritos, pois são específicos de uma pessoa (MEZAN, 1998).

Birman (1993) reforça os dizeres de Mezan e diz que tudo que traz a marca do inconsciente, ou seja, tudo o que é humano, em última instância, é da competência da psicanálise, reafirmando a ideia sobre o alcance metodológico desta abordagem (VIOLANTE, 2000). Para que a pesquisa aconteça, dois aspectos fundamentais devem ser levados em consideração:

- a) Uma relação inter-humana baseada no falar e no escutar, no bojo da qual b) instauram-se a transferência e a repetição, na medida em que, posicionando como interlocutor impessoal, o analista não responde à demanda do paciente. (VIOLANTE, 2000, p. 110).

Partindo desses aspectos, podemos entender, a partir da citação acima, que a pesquisa em psicanálise não se restringe ao *setting* analítico, como já foi falado anteriormente e demonstrado pela própria obra freudiana. Rezende (2007) considera que, em se tratando de campo de pesquisa, a investigação psicanalítica pode ser realizada na *biblioteca, no mundo vivido e no consultório*.

A psicanálise tem como ideia fundante que os processos mentais não acontecem ao acaso, nem de forma aleatória, pois eles respeitam determinados motivos que devem ser de natureza e intensidade suficientes para produzirem determinados efeitos e não outros. Esses efeitos, chamados de sintomas, são reflexo de um processo em que há uma causa, a qual o processo analítico tem como finalidade investigá-la para que os sintomas sejam eliminados. O exemplo de sintoma é interessante, pois mostra que a pesquisa na psicanálise não é somente baseada em fatos, já que eles, de certa forma, materializam-se numa pessoa (MEZAN, 1998).

A interpretação na psicanálise é um ponto de crítica, principalmente quando ela se apresenta com pretensões científicas. Pretensões científicas podem ser consideradas como o objetivo de Freud em delimitar seu campo de conhecimento, tendo como foco um objeto de análise, chamado realidade psíquica, a qual possui suas próprias particularidades e sobre a qual é possível obter conhecimentos. Nesse sentido, a pesquisa em psicanálise, para Mezan (1998), se aproxima da pesquisa usual, pois seus conhecimentos podem ser repassados e apropriados por outros pesquisadores ou clínicos. A noção de inconsciente, a ideia do complexo de Édipo, a interpretação dos sonhos, a própria estrutura psíquica são exemplos de conceitos que podem ser repassados e apropriados.

A crítica à interpretação analítica advém da impossibilidade de se reproduzir com precisão a "matéria-prima", ou seja, uma sessão analítica e a interpretação exata do analista. Mesmo porque cada sessão é única, informações diferentes e novas são colocadas e a transferência é singular entre analista e analisando. No entanto, deve-se considerar que o fato de ser impossível essa reprodução exata do fenômeno, da matéria-prima, não significa que não houve rigor e que os conhecimentos gerados a partir da clínica sejam arbitrários (MEZAN, 1998).

Duas razões podem justificar esse pensamento, conforme Mezan (1998): a primeira, se refere aos elementos mais universais do processo psíquico; e a segunda, se refere aos elementos mais particulares. Em relação ao que cabe ao nível mais universal, há de se considerar que os processos psíquicos são essencialmente os mesmos em todos os seres humanos e, assim sendo, o fato do processo analítico ser absolutamente individual não impede que se tirem conclusões ou se façam generalizações em graus variados. Em relação aos elementos mais particulares, parte-se do princípio que a vida psíquica demonstra certa regularidade e que somos seres únicos com características singulares que nos individualizam. Contudo é possível desenhar um quadro relativamente fiel daquele indivíduo, das forças que nele estão presentes e atuantes e os efeitos no seu comportamento.

A partir desse quadro, pode-se pensar em generalizações para tipos e pessoas que possuem conflitos e questões semelhantes (MEZAN, 1998). A presença das estruturas psíquicas conhecidas como neurótica, psicótica ou perversa pode ser identificada a partir deste quadro. De qualquer forma, essas estruturas funcionam muito mais como ponto norteador para o analista do que mera classificação do sujeito. Consideramos como mera classificação, pois não acreditamos que a psicanálise se proponha a simplesmente classificar e diagnosticar a partir de uma estrutura estanque. Minerbo (2009) corrobora esta ideia reforçando que a psicopatologia ajuda o analista a organizar e a dar inteligibilidade aos elementos da clínica. As formas de subjetividade e de sofrimento psíquico relacionadas com a metapsicologia contribuem na condução do processo analítico, pois permitem ao clínico fazer a medição entre o singular e o universal. Dessa forma, a noção da estrutura psíquica é muito útil desde que relativizada.

É importante ressaltar que o fato de considerar a existência da estrutura psíquica não elimina a ideia de univocidade do indivíduo, pois não tem como ignorar a infinitude das formas de subjetividade

e de sofrimento psíquico. Do mesmo modo em que a teoria psicopatológica pode auxiliar, refinando a escuta do clínico, que vai além do conteúdo manifesto, ela pode também tornar o analista surdo ao paciente (MINERBO, 2009).

A epistemologia freudiana e suas manifestações, incorporadas na metapsicologia e na psicopatologia, aponta para novas possibilidades de pesquisa, na medida em que considera o erro no processo de construção de conhecimento. Ela rompe com os princípios da tradicional visão funcionalista e faz emergir uma nova forma de ciência. Freud assim estaria para as Ciências Humanas, como Einstein está para a Física, pois insere a relatividade, mas sem apelar ao relativismo. O próprio Freud já dizia que a história ocidental foi marcada por três grandes "feridas narcísicas" para as presunções do ego humano: a primeira, por meio de Copérnico, em que diz que a Terra não é o centro do universo. A segunda grande perda ocorreu com a teoria darwiniana, que propõe que o homem é mais um animal como todos os outros, pois possui uma mesma origem. Por fim, Freud levanta a questão de que o homem não controla sequer a própria consciência, já que ele está submisso às forças do inconsciente. Dessa forma, pode-se perceber a importância da teoria freudiana. Ainda em relação à relatividade, fica claro que as ações do sujeito não são completamente controladas por uma racionalidade total e, reconhecer tal fato é considerar a possibilidade da não existência de uma verdade absoluta. Garcia-Rosa (1984, p. 71) reforça este entendimento dizendo que "(...) não há começo nem fim absolutos, que não há uma verdade essencial e imutável a ser descoberta, e, mais do que tudo, que não há sentido sem interpretação, assim como não há interpretação sem sentido," Nesta direção, que contribuições a epistemologia freudiana pode trazer para os estudos organizacionais?

## A PSICANÁLISE E OS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

Muitas vezes observamos uma prática comum nas ciências em que uma área se utiliza de fragmentos isolados da outra, com o objetivo de aumentar as possibilidades de compreensão do seu objeto, mesmo que isso empregue em prejuízo para a outra área (GODOI, 2007). No entanto, é fundamental levar em consideração o contexto de surgimento desses pressupostos, suas articulações com outros conceitos e, principalmente, a evolução da teoria. Dessa forma, o não domínio da amplitude do sistema que envolve o conceito original passa a ser o grande obstáculo pelo atraso das intenções transdisciplinares e pelas frágeis formulações e práticas híbridas.

A utilização de pressupostos, conceitos e métodos de um campo do saber em outro exige um cuidado epistemológico para que não se perca a essência e a estrutura em que a *Weltanschauung* (visão de mundo) relativa àquele saber foi erigida. Mesmo que essa transferência implique uma expansão da visão de mundo de uma das partes, é imprescindível o máximo de cautela para que isso não resulte na redução ou no prejuízo da *Weltanschauung* de nenhuma outra parte (GODOI, 2007).

Tendo apresentado, neste ensaio, um resgate teórico acerca da psicanálise, é justo concordar que, para se utilizar um conceito psicanalítico, é necessário que se adote juntamente a base epistemológica (a *Weltanschauung*) e o entrelaçamento dos conceitos que formam o campo da psicanálise. Por outro lado, Godoi (2007) e Enriquez (1997) reforçam a importância de considerar que, ao se trazer para um campo de estudo conceitos de outra área, estes devem ser elaborados e pensados para aquela realidade. A psicossociologia, como exemplo, só pode ter um *status* científico, na medida em que favorece uma elucidação das condutas sociais - explicação que não pertence nem à psicanálise nem à sociologia. Dessa forma, os conceitos de outras ciências utilizados pela psicossociologia não são conceitos tais como eles existem, mas derivam de conceitos retrabalhados que têm como legitimação favorecer a apreensão de novos elementos da realidade sem a descaracterização e o distanciamento da situação original (ENRIQUEZ, 1974).

A constituição das ciências sociais aplicadas é inegavelmente interdisciplinar, conforme Freitas (2007), e seu potencial de contribuição se deve principalmente pela possibilidade de articulação de outros campos do saber, como Economia, Sociologia, Ciências Políticas, Psicologia, Filosofia, Antropologia e, mais recentemente, a Psicanálise. Apesar de se observar uma presença significativa da discussão psicanalítica nas Ciências Humanas, essa participação nos estudos organizacionais é muito recente. Podemos mencionar alguns trabalhos e autores citados por Freitas (2007): Enriquez, com os conceitos de doenças de idealização; Anzieu, com a ilusão grupal; Amado, com as ressonâncias das identidades psíquicas; e Chanlat, com as dimensões esquecidas do indivíduo. Além destes,

estudos mais recentes sobre narcisismo (SOARES & GOULART, 2010), sobre poder Pagès *et al.* (1988) e Faria (2007), as metáforas (MORGAN, 2007), vida psíquica nas organizações (MOTTA & FREITAS, 2001), crítica e psicanálise (PAES DE PAULA, 2003), indivíduo-trabalho e organizações (SANT'ANNA, 2011) também compõem a vasta gama de estudos que buscam alinhar os estudos organizacionais e a psicanálise.

Chanlat (1996) critica os estudos sobre comportamento organizacional por relegar a psicanálise durante tanto tempo e reforça que a área é prisioneira de um modelo comportamentalista inspirado pelo positivismo e que desconsidera a realidade interior dos seres humanos, deixando-a, na maioria dos casos, oculta ou mascarada. Por outro lado, a insatisfação crescente com a pouca importância dada ao papel da vida psíquica na dinâmica humana das organizações, assim como os limites psicológicos ortodoxos, estimulou pesquisadores a investirem na psicanálise. A fim de ilustrar o desenvolvimento alcançado pela psicanálise no contexto organizacional, o autor aponta para quatro linhas de pesquisa. A primeira é de Klein (1975), Bion (1972) e Jaques (1972), sendo que este último lança as primeiras bases da socioanálise dos grupos nas organizações, nos primeiros anos do pós-guerra. Uma segunda linha inclui vários pesquisadores de Harvard, principalmente Levinson (1987) e Zaleznick & Kets de Vries (1985), que procuravam compreender a liderança a partir de conceitos psicanalíticos. A terceira linha, originária na França e nos países latinos, com os trabalhos de Pagès *et al.* (1988) e Enriquez (1983), apoia seus conceitos ao mesmo tempo na psicologia social, no pensamento freudiano e na sociologia radical, para tentar elucidar os conflitos, os motivos não verbalizados e as máscaras que aparecem no grupo e no indivíduo. A quarta, e última linha, inspirada nos trabalhos de Dejours, baseia-se na tentativa de esclarecer o que na organização do trabalho entra em contradição com o funcionamento do aparelho psíquico.

A articulação das ciências sociais com a psicanálise vem permitir que os estudos organizacionais fiquem frente a frente com suas próprias lacunas, promovendo essencialmente uma reflexão sobre si próprios, o que destitui a gestão do "pedestal ilusório da completude" (GODOI, 2007). A psicanálise vem efetivamente contribuir para as ciências sociais aplicadas, pois intenta colocar em:

(...) evidencia um outro registro, uma outra cena e um outro sentido na vida organizacional, pois ela (a psicanálise) leva em consideração o homem em sua natureza humana, a cena do imaginário, do inconsciente, do jogo das pulsões, que instaura o conflito identitário, o papel das ilusões no edifício social e nas lealdades grupais e não o homem transvestido de um ser meramente econômico, social ou organizacional. (FREITAS, 2007, p. 8).

O comportamento humano jamais pode ser reduzido ao que se observa exteriormente. A grande contribuição de Freud é justamente esse *status* que ele dá à dúvida, à interpretação e à forma como o conhecimento é construído, que é o cerne da sua epistemologia. Apesar de a dúvida estar presente na forma de se fazer ciência, a psicanálise aguça a escuta, pois ela paira justamente sobre o que é dito, na busca pelo não dito, pelo que escapa e que aparentemente não tem valor. Há de se considerar, como enfatiza Mendes (2002), que esse processo não remete o pesquisador a criar uma sintomatologia paranoide, pois o conteúdo expresso tem o seu lugar e é a partir dele que o conteúdo latente pode ser desvelado.

Logo, os trabalhos que procuram fazer uma ponte entre a psicanálise e os estudos organizacionais, de uma forma ou de outra, convidam para se refletir sobre o funcionamento da vida nas organizações e ao entendimento de que ela não se resume aos processos como ditos estratégicos da gestão de pessoas comumente apontados por autores funcionalistas. O ambiente organizacional, como lugar privilegiado em que numerosas relações desencadeiam, é um terreno fértil para observar a dinâmica psíquica dos sujeitos (CHANLAT, 1996). Dessa forma, os processos intrapsíquicos não podem ser ignorados, já que as relações interpessoais e as relações intergrupais são afetadas diretamente por eles. Chanlat (1996) se utiliza das palavras de Enriquez (1983) para ilustrar a necessidade de não se fechar os olhos para a vida psíquica como uma realidade que está escancarada:

A ligação social apresenta-se como uma ligação trágica: ela nos permite compreender que os outros existem, não como objetos para a satisfação dos nossos desejos, mas como sujeitos de seus desejos ou, dizendo com outras palavras, capazes de nos rejeitar e de nos amar, de nos contradizer, de apresentar perigos permanentes, não apenas a nosso narcisismo, mas também a nossa simples sobrevivência, e de ser, para nós, apesar de tudo, tão indispensáveis como o ar que respiramos. (ENRIQUEZ, 1983, p. 183).

Dessa forma, considerar os aspectos intrapsíquicos dos indivíduos significa entender que eles estão em constante interação e que são dotados de uma vida interior, os quais expressam sua subjetividade por meio da palavra e de comportamentos não verbais. A linguagem controla e estrutura as possibilidades de ação das pessoas, ou seja, é o veículo privilegiado da subjetividade, tendo a vida psíquica como fundamento (DAVEL & VERGARA, 2008). A psicanálise pode se prestar como uma forma de condução da interpretação da linguagem nos estudos organizacionais, pois leva em conta a subjetividade dos sujeitos, ao mesmo tempo em que permite fazer inferências mais amplas. Mezan (1998) corrobora essa afirmativa dizendo que existem elementos psíquicos que são universais, outros particulares e ressalta que existe um processo de construção do conhecimento por "generalização crescente" que se organiza em três planos: para o próprio indivíduo, para um grupo de indivíduos e, mais adiante, para toda humanidade (MEZAN, 1998).

É por meio da linguagem que as possibilidades para se entender como psicanálise e os conceitos apresentados nesse ensaio se articulam com as Ciências Sociais Aplicadas. O elo entre a realidade do coletivo e a do indivíduo é a linguagem e, assim sendo, um estudo psicanalítico voltado para as organizações tem como objetivo revelar significações encobertas na forma de vida organizacional que, como ressalta Godoi (2007), muitas vezes transparece a normatividade subjacente às práticas coletivas.

Nessa interpretação, deve ser levado em conta o inconsciente como fonte dos desejos reais, das orientações e das intenções, considerando-o separado da consciência por uma força (energética) que leva a uma distorção entre o sentido de uma representação no inconsciente e uma representação consciente. Deve ser considerada, assim como faz Ricoeur, a existência de uma inter-relação entre a linguagem econômica e a linguagem intencional (FRANCO, 1995) e essa relação deve ser ponderada para que a interpretação da linguagem consciente seja realmente efetiva.

A linguagem não só se reserva às palavras, mas também é composta a partir de uma concepção mais ampla da expressão humana, associada aos símbolos, às representações e às manifestações corporais. O acesso ao inconsciente só é possível por meio da linguagem que, para Godoi (2007), como objeto da psicanálise, marca o grau de autonomia em relação à subjetivação e ao mesmo tempo distancia o sujeito das classificações estatísticas e massificadoras. Essa, portanto, é a contribuição deste trabalho aos estudos organizacionais, ou seja, a possibilidade de dar voz ao sujeito, assim como considerar suas respectivas manifestações inconscientes por meio de um método de interpretação que se baseia na psicanálise com dois eixos fundantes que servirão de suporte para a análise dessa interpretação. Dessa forma, considerar-se-á o sujeito de pesquisa (e não objeto) como ser desejante, constituído por um inconsciente que se manifesta por meio da linguagem e não como um número a mais que irá compor uma determinada amostra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste ensaio, como foi inicialmente apontada, é de convidar o leitor para uma reflexão sobre as possibilidades da utilização da inter e da transdisciplinaridade. No caso, propõe-se a utilização do arcabouço teórico psicanalítico pelas Ciências Sociais Aplicadas. De certa forma, este trabalho extrapola o objetivo original, pois como bem descreve Enriquez (2005, p. 153), "não é possível pensar numa psicanálise fora do plano social, uma vez que a constituição do sujeito se faz justamente pela entrada no social." Assim sendo, a discussão sobre o papel da psicanálise neste campo de estudos é basilar e vai além da inter e da transdisciplinaridade. No entanto, deve-se considerar que, apesar de haver pontos de vista divergentes, as Ciências Sociais Aplicadas são um campo de estudos por natureza interdisciplinar "beneficiários e devedores do conhecimento de outras áreas" (FREITAS, 2007 p. 07) .

A inserção da psicanálise nos Estudos Organizacionais ainda é recente e enfrenta enormes desafios. Primeiramente, o estudo da psicanálise exige um longo processo de formação, que o pesquisador em organizações precisa somar ao que já tem. Em segundo lugar, a aproximação entre psicanálise, organizações e gestão costuma gerar resistências por parte daqueles que acreditam não ser de interesse de administradores e da área este tipo de discussão. Acreditamos que isto ocorre porque em geral se ignora o potencial da psicanálise para a compreensão dos fenômenos sociais e mesmo para a transformação das atitudes das pessoas e dos grupos perante a própria realidade. Nos tempos

atuais, a psicanálise vem perdendo espaço para soluções farmacológicas e terapias cognitivas e comportamentais pontuais, consideradas mais rápidas e eficazes. O fato é que a psicanálise necessita ser resgatada até mesmo entre os estudiosos das patologias psíquicas, que precisam se conscientizar do efeito paliativo das medidas que não abordam a problemática do inconsciente.

Por fim, no campo dos Estudos Organizacionais reconhecemos o esforço de alguns estudiosos para chamar a atenção para a importância da psicanálise, no entanto, enfrentam as dificuldades que o próprio Freud antecipou em seus escritos sociológicos: conceber como a psicanálise pode contribuir para a transformação das organizações sociais, uma vez que se trata de um método de intervenção baseado na análise individual e precisa ser cuidadosamente reexaminado para uma abordagem de grupos. Várias pesquisas já foram empreendidas a respeito (PAGÈS, 1975; LOURAU, 1975; PAGÈS *et al.*, 1988; ENRIQUEZ, 1997, 2005; PISANI, 2005) e esperamos que, apesar das barreiras, a contribuição da psicanálise para a pesquisa na área se aprofunde, beneficiando-se de um maior conhecimento das relações entre o sujeito e o social e, finalmente, consolidando seu lugar no espaço acadêmico.

## REFERÊNCIAS

- ASSOUN, P. L. **Introdução à epistemologia freudiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1983
- BIRMAN, J. O Objeto teórico da psicanálise e a pesquisa psicanalítica. In: BIRMAN, J. **Ensaio de Teoria Psicanalítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- CELES, L. A.; BUCHER, R. Epistemologia, pesquisa e diagnóstico em psicologia - O sujeito: limite epistemológico da psicanálise. **Arquivos Brasileiros de Psicologia - Psicanálise**, Rio de Janeiro, n. 36, v 4 , p. 76-89, out./dez., 1984
- CHANLAT, J. F. **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. v I. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007
- CHANLAT, J. F. **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. v III. São Paulo: Atlas, 1996.
- DAVEL, E.; VERGARA, S. C. **Gestão com pessoas e subjetividade**. São Paulo: Atlas, 2008.
- DOMINGUES, I. **Conhecimento e transdisciplinaridade II: aspectos metodológicos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- ENRIQUEZ, E. Recalcamento, repressão e imaginário social nas organizações. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 36/37, p. 53-97. jan./jun.,1974.
- ENRIQUEZ, E. **De la horde à l'État: essai de psychanalyse du lies social**. Paris: Gallimard, 1983.
- ENRIQUEZ, E. **A organização em análise**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.
- ENRIQUEZ, E. Psicanálise e Ciências Sociais **Ágora**, Rio de Janeiro, v. VIII, n. 2, p. 153-174. jul./dez.,2005.
- FARIA, J. H. (org). **Análise crítica das teorias e práticas organizacionais**. São Paulo: Atlas, 2007.
- FRANCO, S. G. **Hermenêutica e psicanálise na obra de Paul Ricouer**. São Paulo: Edições Loyola, 1995.
- FREUD, S. ([1895], 1989). Projeto de psicologia. In: FREUD, S **Edição Standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud**. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, S. ([1914], 1916). O inconsciente. In: FREUD, S. **Edição Standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud**. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006a.
- FREITAS, M. E. Prefácio. IN: GODOI, C. K. **Psicanálise das organizações**. Contribuições da teoria psicanalítica aos estudos organizacionais. Itajaí: Editora Univali, 2007.
- FREITAS, M. E. **Cultura Organizacional: Identidade Sedução e Carisma?** 1. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1999
- GAULEJAC, V. **Gestão como doença social: Ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. SP: Ideias & Letras, 2007.

- GODOI, C. K. **Psicanálise das organizações**. Contribuições da teoria psicanalítica aos estudos organizacionais. Itajaí: Univali, 2007.
- HABERMAS, J. **Conhecimento e interesse**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.
- JAQUES, E. **Intervention et changements dans l'entreprise**. Paris: Dunod, 1972.
- KLEIN, M. **Collected writings**. Londres: Hogarth, 1975.
- LEVINSON, H. Psychanalytic theory in organizational behavior. In: LORCH, J. (dir). **Handbook of organizational behavior**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1987.
- LAPIERRE, L. **Imaginário e Liderança**. S.P., Atlas, 1995.
- LAPIERRE, L Interioridade, Gestão e Organização da realidade Psíquica como fundamento da gestão. IN: **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. v I. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007
- LOURAU, R. **A análise institucional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975. (Segunda Parte e Conclusão)
- MENDES, A. M. B. Algumas contribuições teóricas do referencial psicanalítico para as pesquisas sobre organizações. **Estudos de psicologia**. Natal, v. 7, n. especial, p. 89-96, 2002.
- MEZAN, R. Metapsicologia/Fantasia. In: BIRMAN, J. (org.) **Freud, 50 anos depois**. Rio de Janeiro: Dumará, 1989.
- MEZAN, R. Sobre a pesquisa em psicanálise. **Psychê**, São Paulo, v.2, n.2, p.87-98, 1998.
- MINERBO, M. **Neurose e não neurose**. Coleção Clínica Psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.
- MORGAN, G. **Imagens da Organização**. Rio de Janeiro: Atlas, 2007.
- MOTTA, F. C. P; FREITAS, M. E. **Vida psíquica e organizações**. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- PAES DE PAULA, A. P. Eros e Narcisismo nas organizações. **Revista de Administração de empresas RAE- Eletrônica**, v. 2, n.2, jul./dez., 2003.
- PISANI, R. **Elementos de Análise em Grupo**. Grupos Pequenos e Intermediários. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- PAES DE PAULA, A. P. **Estilhaços do Real**. Ed. Juruá, 2012
- PAGÈS, M. **A vida afetiva dos grupos**. Esboço de uma teoria da relação humana. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.
- PAGÈS, M; BONETTI, M.; GAULEJAC, V.; DESCENDRE, D. **O poder nas organizações**. Rio de Janeiro: Atlas, 1988.
- PRESTES MOTTA, F. C. Redes Organizacionais e Estado Amplo. **Revista de Administração de Empresas**, v. 27, n.2, p. 5-13, abr./jun. 1987.
- PRESTES MOTTA, F. C. Organizações: Vínculo e Imagem. **Revista de Administração de Empresas**, v. 31, n.3, p. 5-11, jul./set. 1991.
- PRESTES MOTTA, F. C. Os pressupostos básicos de Schein e a fronteira entre a psicanálise e a cultura organizacional. In: PRESTES MOTTA, F. C.; FREITAS, M.E. **Vida Psíquica e Organização**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- PRESTES MOTTA, F. C. A organização como religião laica. **Organização & Sociedade**, v.8, n.22, set/dez., 2001.
- RICOUER, P. **Da interpretação: Ensaio sobre Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- REZENDE, A. M. Um monge no divã: A trajetória de um adolecer na Idade Media Central. **Revista Brasileira de Psicanálise**. São Paulo, v. 41, n.4, p.155-160, 2007.
- ROUANET, S. P. A epistemologia freudiana. **Revista Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro n. 82, p. 27-80; jul./set., 1985

SANT'ANNA, A. S. **Contemporaneidade e novas formas de relação sujeito-trabalho-organizações: o que teria a nos dizer a psicanálise.** 2011. 58 pgs. Monografia (Formação Psicanalítica) - Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SOARES, C. R.; GOULART, Í. B.. Identificando elementos característicos do narcisismo nos profissionais de uma organização do trabalho. **Revista Gestão e Tecnologia Pedro Leopoldo**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 1-15, ago./ dez., 2010.

VIOLANTE, M. L. V. Pesquisa em psicanálise. In: FILHO, R. A. P.; JÚNIOR, N. C.; ROSA, M. D. **Ciência, pesquisa, representação e realidade.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

ZALEZNICK, A; KETS DE VRIES, M. F. R. **Power and the corporate mind.** Chicago: Bonus, 1985.

Artigo recebido em 01/04/2013

Aprovado em 25/06/2013